

INTRODUÇÃO AO PRÉ-MODERNISMO

Alcmeno Bastos

Em princípio, são duas as acepções possíveis para o termo Pré-Modernismo. Se o prefixo indicar apenas uma antecipação cronológica, sob esse rótulo se abrigará a produção literária imediatamente posterior aos períodos literários que marcaram o final do século XIX: Parnasianismo e Simbolismo, na poesia, Realismo-Naturalismo, na prosa de ficção. Contudo, se o prefixo indicar uma antecipação estética, essa mesma produção, via de regra situada nas duas primeiras décadas do século XX, dará ao termo o valor semântico de *quase-Modernismo*. Significaria dizer que a revolução modernista, nítida a partir da década de 20, fora anunciada no período entre 1900 e 1920, aproximadamente.

Em qualquer dos casos, Pré-Modernismo vale por indicar uma fase de transição, mistura de tendências em declínio e de outras mal anunciadas. A escolha do prefixo pré- indica, porém, a idéia de prevalência do *novo*, pois, do contrário, se se tratasse de diferimento de tendências prolongadas além de seu momento de fastígio, caberia o prefixo pós-. A eleição cada vez mais consensual do termo Pré-Modernismo revela a maior aceitação da primeira hipótese. Via de regra, os historiadores da literatura, responsáveis por seus rótulos, preferem caracterizar um período de transição como aquele no qual as tendências passadas mal resistem ao sopro da renovação. Trata-se, é claro, de uma concepção eminentemente evolucionista, reveladora da confortável certeza do historiador de que as formas literárias avançam sempre, livram-se da herança do passado recente e dão o mergulho fatal na nova verdade estética.

De todos os períodos ditos de transição na história da literatura brasileira, apenas este começa a merecer o favor do reconhecimento historiográfico. O lapso de tempo que decorre do fulgor do Barroco literário até o aparecimento da obra tida como marco inicial do Arcadismo, as *Obras* (1768) de Cláudio Manuel da Costa - em números redondos, toda a primeira metade do século XVIII -, por exemplo, não merece denominação especial. Do mesmo modo, as primeiras décadas do século XIX não constituem, na opinião da maioria dos historiadores literários, um período inquestionavelmente pré-romântico (ou pós-arcadista, como de certo modo o entende José Aderaldo Castello, que fala de "uma segunda fase arcádica atenuada pelo espírito pré-romântico"³¹). O fato se deve, provavelmente, ao desconforto experimentado ante a impossibilidade de enquadrar num período literário determinado alguns dos autores que se impuseram na cena dos vinte primeiros anos deste século, não apenas como individualidades marcantes, mas também contrastantes entre si, como, por exemplo, Lima Barreto e Coelho Neto. Essas individualidades marcantes não podem ficar ao relento periodológico, desabrigadas do guarda-chuva protetor de uma etiqueta. Daí Pré-Modernismo.

É sabido que o termo Pré-Modernismo tem um pai: Tristão de Ataíde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, que o empregou pela primeira vez em 1932. No seu

³¹ CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias da Era Colonial (1500-1808/1836)*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 30.

*Quadro sintético da literatura brasileira*³², o criador do termo preferiu, no entanto, a denominação de "Período Eclético", situando-o entre os anos de 1900 a 1920.

*Eclético, porque o trecho que vai entre o Simbolismo e o Modernismo se caracteriza, acima de tudo, por não poder ser resumido numa escola dominante e, ao contrário, compreender a coexistência de simbolistas, realistas e parnasianos, até mesmo os da geração que, em 1920, iriam desencadear o Modernismo. Foi o Pré-Modernismo.*³³

A "coexistência de simbolistas, realistas e parnasianos" bem poderia implicar a substituição do prefixo pré- pelo prefixo pós-, dado que seriam dominantes nessas duas décadas as tendências estéticas que haviam marcado a segunda metade do século XIX. Observe-se que mesmo o aceno ao futuro, isto é, a alusão aos que "em 1920, iriam desencadear o Modernismo", não nega que ainda se tratava de "simbolistas, realistas e parnasianos". Em outras palavras, autores que viriam a tornar-se modernistas, mas que ainda não o eram.

Alfredo Bosi, por sua vez, em *O Pré-Modernismo*³⁴, começa por admitir, como nós o fizemos na abertura deste trabalho, que o termo pode ser entendido em dois sentidos, "nem sempre coincidentes":

1º dando ao prefixo "pré" uma conotação meramente temporal de anterioridade;

2º dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista.

É em respeito ao primeiro critério que Bosi inclui neste trabalho específico "muitos remanescentes da cultura realista-parnasiana" (Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Rui Barbosa e Coelho Neto), ainda que, no seu entender, julgados pelo segundo critério, esses autores cheguem mesmo a ser "verdadeiros anti-modernistas"³⁵. Já na sua *História concisa da literatura brasileira*³⁶, Bosi inclina-se para o segundo critério, pois entende que "se pode chamar de pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural. Daí que pré-modernistas passam a ser apenas Lima Barreto e Graça Aranha, no romance; Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim, no ensaísmo social; e Monteiro Lobato, por sua "vivência brasileira". E no verbete que escreveu para o *Pequeno dicionário da literatura brasileira*³⁷, Bosi caracte-

³² LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. p. 58.

³³ Na verdade, Alceu Amoroso Lima denomina o período também de "*nacionalista*", porque entende que nele "se manifestou nas letras um movimento de acentuado nativismo" (p. 58). Contudo, a eleição do adjetivo "eclético" para título do subcapítulo (na "Introdução" - p. 13-15 - a "Fase Moderna" da periodização adotada subdivide-se em "O Simbolismo (1900-1920)" e "O Modernismo (1920-19...)" demonstra que, para o próprio criador do termo, a expressão Pré-Modernismo não revela satisfatoriamente a natureza estético-ideológica do período.

³⁴ BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*, p. 11.

³⁵ *Ibidem*, p. 11.

³⁶ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 343.

³⁷ In: PAES, José Paulo & MOISÉS, Massaud. Org. e dir. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987. p. 335.

riza o período como "por excelência sincrético", de modo que nele são arrolados "poetas neoparnasianos", "epígonos simbolistas", vozes originais não filiadas sistematicamente a nenhum dos movimentos anteriores" (Raul de Leoni e Augusto dos Anjos), "romancistas que prolongam as constantes tradicionais" (Coelho Neto e Afrânio Peixoto), "narradores regionalistas" de fato pré-modernistas, "pelo acentuado pendor nacionalista" (Simões Lopes Neto, Alcides Maia e outros), Lima Barreto e Graça Aranha, e ainda nomes situados "entre as ciências e as letras" (de Euclides da Cunha a Carlos de Laet). Enfim, os nomes mais representativos dos primeiros vinte anos deste século, o que retira do termo Pré-Modernismo outra precisão classificatória que não a estritamente cronológica.

Parece assim não haver alternativa válida à caracterização do período como "eclético" (Alceu Amoroso Lima), "sincrético" (Alfredo Bosi) ou expressão equivalente. Dentre as forças do passado que permaneciam atuando, a de linhagem parnasiano-naturalista é consensualmente tida como a mais forte. A fundação da Academia Brasileira de Letras em 1896/1897 é vista por Fritz Teixeira de Salles como "o marco concreto de oficialização da linguagem literária"³⁸. O quadro via de regra descrito, e não apenas por historiadores da literatura³⁹, é o de uma literatura centrada no "regionalismo de salão, no ceticismo, na frivolidade, no sentimentalismo ou num intelectualismo árido"⁴⁰. Tudo isso combina com a idéia que os modernistas de primeira geração forjaram sobre o Parnasianismo como inimigo a combater enquanto expressão do passado. A "coexistência" a que se referia Alceu Amoroso Lima foi, na verdade, desigual. A dicção parnasiana dominava, de fato, a cena. Sintomático é, por exemplo, que não apenas a iconoclastia modernista tivesse a poesia parnasiana como alvo de sátira impiedosa, de que foi exemplo a declamação, por Ronald de Carvalho, do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira, durante a Semana de Arte Moderna, mas também que a reflexão ponderada, e ainda assim implacável, de Mário de Andrade sobre os "mestres do passado", em 1921, visasse apenas aos parnasianos. Os obstáculos que via à "luminosa evolução das artes", a quem ele desejava que fossem "malditos para sempre", eram justamente os cinco nomes mais representativos do Parnasianismo (por ordem de citação: Francisca Júlia, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho).⁴¹

A outra força do passado, a poesia simbolista, continuava a ser (porque já o fora antes) marginalizada em face do Parnasianismo dominante. Antonio Candido e José Aderaldo Castello classificam o Simbolismo como "espécie de tendência excêntrica, ou de segunda plana", reconhecendo embora que "sua influência indireta foi grande"⁴². Mesmo Andrade Muricy, na candente defesa que faz do Simbolismo, não nega o fato. Atribui a proeminência parnasiana a "certa desinformação e certo imobilismo provinci-

³⁸ SALLES, Fritz Teixeira de. *Das razões do Modernismo*. Rio de Janeiro: Brasília, 1974. p. 29.

³⁹ José Murilo de Carvalho, por exemplo, afirma em *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não houve* (São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p. 39-40) que "os literatos se dedicavam a produzir para o sorriso da elite carioca, com as antenas estéticas voltadas para a Europa". A expressão "sorriso da elite carioca" é glosa, intencional ou não, do conceito de literatura como "sorriso da sociedade" de Afrânio Peixoto.

⁴⁰ CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. II Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. 9. ed. São Paulo: Difel, 1981. p. 107.

⁴¹ Mário da Silva Brito em sua *História do Modernismo Brasileiro*. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna. (3. ed. revista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971) transcreve na íntegra os sete artigos publicados por Mário de Andrade no *Jornal do Comércio* de São Paulo, em 1921.

⁴² CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. II Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. p. 106.

ano" que teriam facilitado "a extensão e penetração da acessibilidade estética do Parnasianismo"⁴³, o que não deixa de ser um modo de reconhecer que a menor (ou nenhuma) "acessibilidade" da poesia simbolista justificaria seu caráter "aparentemente imprevisto, até de chocante, considerado na linha, digamos, normal da nossa evolução literária"⁴⁴. O marginalismo a que foi condenada a poesia simbolista é patenteado clamorosamente no apelido de "nefelibatas" que, em Portugal, "alguém lembrou de aplicar a Eugênio de Castro"⁴⁵ e, no Brasil, foi repetido em relação aos nossos, vistos assim como "sujeitos que falavam coisas estapafúrdias, numa linguagem incompreensível: sujeitos que andavam nas nuvens", como lembra Manuel Bandeira⁴⁶. A defesa de Andrade Muricy, como já o dissemos, rebate as críticas condenatórias (uma delas, como não poderia deixar de ser, a de os simbolistas brasileiros "se terem abstraído dos interesses coletivos, da vida social"⁴⁷; em outros termos, de haverem sido "nefelibatas"), mas concede em que Cruz e Sousa e companheiros de credo estético deixaram uma influência apenas subterrânea, que só mais tarde, e não no primeiro momento modernista, viria a ser reconhecida⁴⁸. E mesmo depois do relativo renascimento simbolista, como que a ratificar a vocação para a marginalidade do movimento, Augusto de Campos, fiel à sua proposta de resgatar os "malditos" que no seu entender, como no do seu irmão Haroldo, anunciam a poesia de vanguarda de que o Concretismo viria a ser a culminância, voltou sua atenção para um "desvio", "quase clandestino e aparentemente sem saída, *no bojo do Simbolismo*" (grifo nosso): o poeta baiano Pedro Kilkerry⁴⁹.

Quanto à prosa de ficção, seria exagerado dizer-se que o Naturalismo tenha sido a força dominante no período pré-modernista. Os nomes de fato expressivos da corrente ou não alcançaram o século XX - Júlio Ribeiro (1845-1890), Adolfo Caminha (1867-1897) -, ou morreram no seu limiar - Domingos Olímpio (1850-1906) -, ou, embora vivendo até as vésperas da Semana de Arte Moderna - Inglês de Sousa (1853-1918), Aloísio Azevedo (1857-1913) -, haviam parado de publicar ainda no final do

⁴³ MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Volume I. Brasília: Conselho Federal de Educação-MEC, 1973. p. 36.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 34.

⁴⁵ Cf. BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965. p. 12.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 12.

⁴⁷ MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, p. 56.

⁴⁸ Eduardo Portela (Nota Prévia a Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. Org. *Cruz e Sousa* (Coletânea organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1979. p. 299-306. Coleção Fortuna Crítica, v.4), depois de atribuir o fracasso imediato do Simbolismo aos seguintes fatores: a) o Parnasianismo era de fato um "poder devidamente constituído"; b) a origem parnasiana de alguns de seus nomes "dava à nova estética feição de dissidência parnasiana", escamoteando o "seu caráter renovador"; c) a falta de uma coordenação de esforços "entregava o destino do Simbolismo no Brasil à sorte particular de cada um dos seus representantes"; d) e finalmente, a tendência vigorante na crítica no final do século XIX às "comparações desabonadoras", reduzindo Cruz e Sousa a "um pasticho de Baudelaire" e Alphonsus de Guimaraens a "um Verlaine tropical" (p. 4), conclui que faltou ao Simbolismo o "triunfo imediato". Mas como "não é o triunfo imediato que consagra um movimento, ou um escritor particularmente. É antes a perspectiva histórica.", Eduardo Portela afirma que esta "assim procedeu com respeito a Cruz e Sousa". O próprio estudo é, aliás, demonstração disso, pois nele Eduardo Portela contesta a visão de um Cruz e Sousa não-brasileiro, considerando-o, pelo contrário, "a nota brasileira de um movimento que foi eminentemente francês" (p. 301).

⁴⁹ CAMPOS, Augusto de. *Revisão de Kilkerry*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 19.

século XIX (respectivamente: *Contos amazônicos* (1892), *Livro de uma sogra* (1895)⁵⁰. No geral, a ficção produzida no período é de feição realista, sobretudo na vertente regionalista, e especialmente com os contistas (Afonso Arinos, Waldomiro Silveira, Monteiro Lobato e J. Simões Lopes Neto), a propósito de quem nos parece forte demais o depreciativo "regionalismo de salão" que Antonio Candido e José Aderaldo Castello usaram. Alfredo Bosi, mesmo reconhecendo-lhes as limitações - "Interessava-lhes captar a paisagem e o homem regional com o máximo de sinceridade", mas, "porque careciam de uma dimensão, a da consciência histórica, que teria dado outro lastro ao descritivismo sentimental em que se moviam", acabaram não assumindo "papel renovador, se não revolucionário"⁵¹ - . concede em que esse regionalismo tenha sido "vigoroso", superando "seus avatares românticos. antecipando-se à imersão na realidade nacional que iria caracterizar a literatura modernista"⁵².

Mas o que vincula mesmo a produção literária do período às forças do passado, no sentido negativo do termo, é a prosa ornamental de Coelho Neto e a infeliz expressão de Afrânio Peixoto "sorriso da sociedade" para definir a literatura⁵³. Esse diletantismo literário combina com a costumeira identificação do Parnasianismo ao oficialismo, por contraste com os poucos autores que desafinavam, a exemplo de Lima Barreto, na contundência de sua crítica social, ou Augusto dos Anjos, na insólita mistura de elementos que, no dizer de Ferreira Gullar, "o põem adiante de sua época (assim) como de outros que, prendendo-o a ela, ocultam-nos seus traços inovadores"⁵⁴.

O "ecletismo" que caracterizou as duas primeiras décadas do século XX na literatura brasileira abriga também elementos de futuro. Wilson Martins data o Modernismo já de 1916, arrolando "uma série de fatos, literários e extra-literários [que] conferem ou podem conferir convencionalmente ao ano de 1916 a condição de plataforma giratória"⁵⁵, de modo a legitimar a afirmação de que a Semana de Arte Moderna de 1922 foi, "mais do que um ponto de partida", na verdade "o coroamento de um processo intelectual"⁵⁶, pois naquele momento o Modernismo já estaria maduro, "se não no grande público, pelo menos entre os intelectuais"⁵⁷. A adoção de uma data não *oficial*, e anterior a ela, tem, neste caso, clara intenção polêmica. É evidente que a Semana só poderia acontecer se mínimas condições a viabilizassem. Todos os historiadores da literatura

⁵⁰ Cf. CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Nova edição, com um apêndice de Assis Brasil, incluindo 47 novos escritores. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 226-236.

⁵¹ BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*, p. 57.

⁵² *Ibidem*, p. 56.

⁵³ A defesa do próprio Afrânio Peixoto não serviu para absolvê-lo do erro cometido. Segundo ele, o engano dos que combateram sua definição estaria em suporem que a expressão fosse "sorriso do homem" e não "sorriso da sociedade". A diferença é que, para ele, o homem "não existe, não passa de simples elo de uma cadeia infinita", e "toda grande obra é feita, com a gestação, na dor". Acredita, porém, a despeito da necessidade da dor, que "só um ambiente social tranquilo e feliz permite o aparecimento de um livro notável". Teria sido o caso de Balzac, quando "havia abundância social" que lhe permitira "criar vida para gozo da sociedade". E conclui: "E só uma sociedade feliz aplaudiria Balzac". Afinal, "não importa que o artista, pessoalmente, sofra, desde que a sociedade, feliz e abastada, sorria..." ("In: SENNA, Homero. *República das Letras*, 1957, p. 97", cf. COUTINHO, Afrânio. Introdução geral. In: PEIXOTO, Afrânio. *Romances completos*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1962. p. 29-30).

⁵⁴ GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos e ou Vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 29.

⁵⁵ MARTINS, Wilson. *O Modernismo (1916-1945)*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 14 (Vol. VI de A Literatura Brasileira).

⁵⁶ *Ibidem*, p. 16.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 17.

brasileira buscam nas duas décadas anteriores (ou até um pouco antes) os "antecedentes" do Modernismo (termo, aliás, empregado por Mário da Silva Brito): entre outros, a publicação, em 1917, de *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira, e de *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia; as exposições de Lasar Segall (1913) e de Anita Malfatti (1914), os artigos de Oswald de Andrade publicados entre 1912 e 1915 sobre o futurismo, são alguns dos acontecimentos que preludivam a Semana e o Modernismo. Nenhum outro evento repercutiu de modo tão forte em toda a história da literatura brasileira quanto a Semana de Arte Moderna de 1922. Mesmo que consideremos o caráter fechado dessa repercussão, isto é, sua abrangência restrita, no momento, ao eixo São Paulo-Rio⁵⁸, e mesmo a circunstância de os fatos culturais, àquela época, não alcançarem o grosso da população brasileira, pela precariedade dos meios de comunicação, importa notar que hoje, tanto tempo decorrido, não resta qualquer dúvida sobre o caráter *fundador* da Semana. Constituindo-se, portanto, em inquestionável marco divisório, pois é o caso de se perguntar se, não acontecendo a Semana, o Modernismo cumpriria o mesmo ciclo, já que o "escândalo" foi componente indissociável da primeira geração modernista, a consideração da Semana impõe um olhar retrospectivo. E neste caso os "antecedentes", que apontam para o que vem depois, por imperativo semântico, se confundem com o próprio Pré-Modernismo, tomado o termo com o valor de antecipação estética.

É preciso notar, porém, que as vozes antecipadoras não deixaram de pagar tributo ao passado, também elas. Os participantes da Semana, ou mesmo os que dela estiveram ausentes, embora comungando das novas idéias estéticas, não começaram sua vida literária já sob o domínio do novo credo. Da *Trilogia do exílio* de Oswald de Andrade, por exemplo, Antonio Candido diz corresponder "à atitude católica e pós-parnasiana assumida pelo autor *antes* de Vinte-e-Dois" (grifo nosso)⁵⁹, sendo que *em Os condenados* (primeiro volume da trilogia) há mesmo uma "tendência para acentuar, em escala fora do comum, os traços psíquicos de um personagem; os seus gestos, tiradas, atitudes de vida", em suma, "um gongorismo psicológico"⁶⁰. Haroldo de Campos, por sua vez, mesmo reconhecendo ser possível "entrever na Trilogia o embrião de certas técnicas empregadas com conseqüência e eficácia por Oswald de Andrade naqueles dois romances experimentais" (*Memórias sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*), sugere que "prosa *art-nouveau* seria, talvez, o qualificativo adequado para exprimir o cordão umbilical finissecular a que está presa, estilística e emocionalmente, a fase da *Trilogia*"⁶¹. Como se vê, "gongorismo psicológico" ou "prosa *art-nouveau*", qualquer dos termos está muito distante da prosa simultaneamente "futurista" e "cine-

⁵⁸ Mário Pontes faz uma síntese das repercussões da Semana e, por extensão, do Modernismo no Nordeste, especialmente em Pernambuco, aonde, "não obstante as enormes dificuldades de comunicação de época, o Modernismo chegou com uma rapidez que não deixa de ser surpreendente" (Breve notícia do Modernismo no Nordeste. In: *Revista de Cultura Vozes*. 50 anos de Modernismo brasileiro. Volume LXVI, jan./fev. 1972. p. 33-36). Sua avaliação diverge, aliás, frontalmente da que faz Souza Barros em *Um movimento de renovação cultural* (Rio de Janeiro: Cátedra, 1975), pois enquanto o primeiro afirma que "faltava aos modernistas da primeira hora uma consciência estética do nível da que possuíam, por exemplo, os membros do grupo mineiro que fez sua aparição em Belo Horizonte por volta de 1924" (p. 34), o segundo dá razão a Gilberto Freyre, para quem "a renovação literária do Recife não se fez via São Paulo" (p. 80), pois manteve "ligações diretas com a Europa e a América do Norte" (p. 80).

⁵⁹ CANDIDO, Antonio. Estouro e libertação. In: ---. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 33-50. O trecho citado está na p. 39.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 39.

⁶¹ CAMPOS, Haroldo de. *Miramar na mira*. In: ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. 4. ed./*Serafim Ponte Grande*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. XI-XLV. O trecho citado está na p. XXIV, cf. nota 19.

matográfica" dos dois textos revolucionários de Oswald de Andrade. Quanto a Mário de Andrade, para ficarmos apenas nos dois líderes iniciais do movimento, é por demais sabido que o seu livro de estréia, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), vale sobretudo pelas intenções pacifistas do autor, e que a dicção nele assumida é ainda fortemente parnasiano-simbolista⁶². Por mais componentes pré-modernistas que essas obras de iniciação pudessem ter, ainda assim estavam elas também marcadas por elementos do passado, assinaladas pelo sincretismo, portanto. De modo que mesmo aqui, no domínio das antecipações, não há nitidez suficiente para que o período seja desenhado com cores muito diferentes das estéticas "finisseculares".

Por fim, mas não por motivos irrelevantes, o Pré-Modernismo abriga ainda algumas individualidades marcantes, como já o notamos. Talvez nada defina melhor a caracterização estética do período que o simples confronto de alguns desses nomes. Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Coelho Neto podem ser aproximados entre si (além, é claro, da circunstância meramente cronológica) num ponto e noutro, como, por exemplo, o culto da forma literária em Euclides e em Coelho Neto, ou a impregnação cientificista em Augusto dos Anjos e em Euclides, ou a preocupação social em Lima Barreto e Graça Aranha; mas em muitos outros aspectos estão eles extremadamente separados. As fortunas críticas de Lima Barreto e a de Coelho Neto ilustram muito bem esse distanciamento: com o advento do Modernismo a estrela do "esteta" Coelho Neto deixou de brilhar, enquanto a do "desleixado" Lima Barreto passou a fulgurar. Que os dois tenham sido igualmente pré-modernistas é questão que depende diretamente do valor semântico que atribuíamos ao prefixo. Augusto dos Anjos, por seu lado, provoca inevitavelmente a necessidade de correta ponderação dos elementos românticos, parnasianos e simbolistas que convivem no interior de uma poesia revel a toda classificação, afora o espanto com seu vocabulário que, no entender de M. Cavalcanti Proença, permite, "pela acumulação (de termos científicos), uma quase apoplexia semântica do verso"⁶³. E Euclides da Cunha suscita a questão espinhosa de saber-se se ele, de fato, pertence ao Pré-Modernismo *literário*, de vez que *Os sertões* não são, a rigor, obra de ficção⁶⁴. Supor que a historiografia literária deva incorporar as "vozes da cultura" (cf. Alfredo Bosi em seu *O Pré-Modernismo*) não estritamente literárias é, na verdade, avalizar o elástico critério de Sílvio Romero, para quem *literatura* compreendia "todas as manifestações de um povo: - política, economia, arte, criações

⁶² Ver BASTOS, Alcmeno. Há uma gota de Mário de Andrade em Mário Sobral. In: *Carmina*. Número 7 – Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Espaço 1 Editora, 1993. p. 36-44.

⁶³ PROENÇA, M. Cavalcanti. O artesanato em Augusto dos Anjos. In: ---. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL-MEC, 1973. p. 87-154. O trecho citado está na p. 141. Segundo o autor, os termos científicos, principal recurso para obtenção da densidade semântica, "satisfazem surpreendentemente a três necessidades virtuais da poesia." (p. 140)-

"1°) Para um grande número de pessoas, são incompreensíveis e atingem a pureza musical, passam do terreno lúcido para o encantatório." (p. 140)

.....
"2°) Como termos técnicos são a sùmula conceitual de uma peça de sistema (. . .) resumem, num único vocábulo, todas as características acumuladas na definição.

3°) Finalmente, pela própria univocidade que lhes é essencial, tornam-se precisos e concisos, permitindo, pela acumulação, uma quase apoplexia semântica do verso. (p. 140-141).

⁶⁴ A afirmação é naturalmente discutível. Não sendo este o lugar adequado, mencionemos apenas uma opinião contrária, a de Afrânio Coutinho, para quem "*Os Sertões* são uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de *A Guerra e a Paz*, da *Canção de Rolando* e cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*." (*Os Sertões*, obra de ficção. In: ---. *Conceito de literatura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 81-86). O trecho citado está na p. 82.

populares, ciências... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas *belas-letras*"⁶⁵. Se a esses autores juntarmos a controvertida figura de Graça Aranha, que se ligou efetivamente aos primeiros modernistas, participando da Semana, em 1922, e rompendo com a Academia Brasileira de Letras, em 1924, o ecletismo do período se impõe como único traço incontestável do Pré-Modernismo.

O Pré-Modernismo coloca, portanto, inúmeras dificuldades à sua caracterização. O choque de tendências estéticas divergentes, herdadas do passado recente (Parnasianismo e Simbolismo, na poesia; Realismo-Naturalismo - e até Romantismo - na prosa de ficção); de antecipações modernistas não de todo desligadas daquele passado recente; de vozes independentes, as individualidades marcantes a que já nos referimos; tudo impõe certa cautela classificatória. Isto para não se falar da própria imprecisão do termo Modernismo a que ele está ligado, o qual, decorridos quase oitenta anos de seu início, já foi retalhado em "fases", "gerações", e agora se vê às voltas com a decretação parcial de seu esgotamento, a partir da entrada em circulação do termo *Pós-Modernismo*.

⁶⁵ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Tomo Primeiro. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 58.